



## EDITORIAL

Há datas que marcam a nossa história. A história de cada um de nós. Outras, são comuns a todos. Fazem parte da nossa História, da nossa identidade coletiva. Assim, também a nossa memória, aqui partilhada, não pôde deixar de prestar homenagem a quem nos deixou um legado que se mantém presente. Pelo que, nesta edição, recuperamos um excerto do texto<sup>[1]</sup> que integra o catálogo da exposição inaugural do Museu Municipal *O Homem e o trabalho – a magia da mão*. Um texto de reflexão, numa conjuntura de pandemia originada pelo novo corona vírus, Covid-19, sendo certo que “A Natureza é uma só. Um pedaço do mundo é o mundo todo.”

Aproximamo-nos do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, 18 de abril, este ano sob o tema *Património Partilhado*. E no lema da partilha, damos a conhecer um projeto formativo, consolidado numa ação de formação, resultado de um amplo diálogo. Ainda, a recente classificação da Misericórdia de Coruche, razão de ser de uma breve nota histórica. Que o luar da próxima Lua cheia traga a todos uma Páscoa Feliz, com saúde, e que seja o renascer dos mais dignos valores da natureza humana.

## NATUREZA E FUTURO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES\*<sup>[1]</sup>

O texto que agora partilhamos foi escrito há 18 anos. Ao lê-lo, reolocamos as mesmas questões, como se o tempo tivesse parado. Mas não parou, voou! Vivemos num ritmo anti-natura, acelerado, frenético, cada vez mais rápido.

TicTacTicTac... Stop! Algo de invisível, aos nossos olhos, nos obrigou a parar. Reparámos, no entanto, que a natureza ganhou força. Recolhidos nas nossas casas, sentimos a sua falta. Efetivamente, não podemos viver sem ela.

Se questionarmos “o conceito de Natureza tal como a tradição clássica ocidental o entendeu”, defenderemos que “grande parte dos problemas ambientais e ecológicos, que marcam o nosso tempo, é fruto desse conceito. [...] A *Natureza* tem um valor em si mesma e é por isso que deve ser respeitada e preservada. A Natureza não deve ser um *meio para* [...]. O que implica também, necessariamente, uma reformulação do conceito de progresso e do papel do homem no Mundo.



Exposição - Coruche: *o Céu, a Terra e os Homens* [Foto: N.D.]

A Natureza vale, e deve ser entendida, como algo onde a sua própria razão de ser seja ela mesma. [...] Do mesmo modo que é eticamente necessário entendermos o outro ser humano como valendo por si mesmo. [...] O que implica uma relação homem-Natureza onde liberdade e respeito estejam implicitamente presentes. Liberdade no sentido em que o homem deve continuar a progredir. Respeito, no sentido em que esse progresso deve ter sempre presente a Natureza [...]. O que defendemos aqui é a noção de desenvolvimento sustentado [...]. Progresso

deve ser, assim, *estar com* a Natureza e não *estar sobre* a Natureza. Educar para a Natureza [...] compreender o valor que a natureza tem em si mesma. E educar não pode ser algo que afaste as atitudes e os valores [...]. Que o mesmo é dizer que se a educação é o ato civilizacional por excelência, a aposta numa educação deste tipo levará necessariamente a uma civilização diferente, porque de um homem diferente se tratará. Certamente mais desenvolvido. Mais humano.”

\*Domingos Francisco (1962-2006)  
Mestre em Estética e Filosofia da Arte

## A HISTÓRIA LOCAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: PERSPETIVAS, CONTRIBUTOS E DESAFIOS

A presente ação de formação, sob organização do Centro Educatis – Centro de Formação de Escolas dos concelhos de Benavente, Coruche e Salvaterra de Magos – resultou de um amplo diálogo e reflexão entre professores de História dos diferentes agrupamentos, os museus municipais e alguns dos especialistas em História Local de cada um destes três municípios.

Partindo de aspetos da história desta sub-região da margem esquerda do Tejo, pretendeu-se promover a atualização científica e pedagógica dos docentes, no sentido de incentivar a reflexão sobre o desenvolvimento do ensino da História e da importância da História Local como recurso pedagógico do processo ensino-aprendizagem dos alunos. Investiu-se na abordagem de cariz cronológico, procurando, no tempo e no espaço locais, o sentido das aprendizagens da História.

Simultaneamente iniciou-se um processo, que se pretende imparável, de constituição de uma rede de trabalho colaborativo entre instituições, entre especialistas, entre formadores e formandos orientada para a construção de um Roteiro de História Local desta região. (1)

Nesse sentido, o Museu Municipal de Coruche participou de forma proativa no contexto dos vários módulos, não só através da participação de elementos da equipa interna mas também na mediação com diferentes investigadores externos, cujas matérias de estudo se enquadravam nas temáticas a abordar. Assim, da planificação desta formação, liderada pelo Centro Educatis, resultou um leque diversificado de especialistas convidados que, obviamente, não esgotaram outros tantos de igual interesse e valor.

(1) Cf. Ficha da ação: A História Local no Processo Ensino-Aprendizagem: Perspetivas, contributos e Desafios. Razões justificativas.



Conferência no Auditório do MMC [Foto: J.V.]



Visita à exposição do MMC – Coruche: o Céu, a Terra e os Homens [Fotos: T.F.]



### PELO OLHAR DE UM PROFESSOR DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CORUCHE \*

Há muito que eu ansiava por uma formação na minha área de ensino, a História. Raramente assisti a ações de formação no âmbito da atividade profissional que exerço e muito menos em História Local. O Centro Educatis resolveu satisfazer-me este desejo escondido. No total tivemos cinco sessões teóricas e, não fora a quarentena imposta pelo corona vírus Covid-19, teríamos tido três sessões práticas.

Venho aqui falar-vos da sessão realizada no passado dia 4 de março em Coruche, onde assistimos a uma conferência, via Skype, com as Professoras Filipa Roldão e Joana Serafim sobre *O foral afonsino de Coruche*, dado por D. Afonso Henriques em 1182. Uma apresentação realizada com base no seu testemunho mais antigo, a confirmação de 1189, que D. Afonso II viria a confirmar em 1218, dado que o original, o documento de 1182, se encontra desaparecido. Constitui-se, no seu conteúdo, como um conjunto de normas e posturas que regulam a existência de um aglomerado populacional, onde estão

inscritos os direitos e deveres dos vizinhos, bem como o que seria espectável de um forasteiro.

Este nosso foral segue o modelo do foral da cidade de Évora, tal como o de Benavente, ainda que com as devidas adaptações à especificidade de Coruche.

É de referir que estas duas investigadoras estavam em Itália, onde se preparam para lançar o projeto europeu de estudo dos forais medievais.

Do auditório passámos à exposição de longa duração para mergulharmos no passado deste território e, num curto passeio, darmos uma grande viagem na História.

Visitámos, depois, o Núcleo Rural de Coruche, com a sua premiada exposição intitulada *“Dos Ranchos de Gente às Máquinas de Mil Braços”*, onde os objetos e fotos do quotidiano do século passado relembram as memórias de infância de cada um. Para terminar e “assentar as ideias”, foram-nos servidos uns petiscos na taberna do Centro de Artes, Ofícios e Saberes Tradicionais.

Parabéns pela iniciativa. Grato pelos saberes e sabores partilhados. Saí enriquecido desta formação.

\* João Martins

## A SOBREVIVÊNCIA DOCUMENTAL DO FORAL AFONSINO DE CORUCHE\*

**Saiba que** a reconstrução de Coruche a partir do modelo do foral de Évora se deveu ao facto de este ser o mais adequado a um território de fronteira, porquanto assegurava a sobrevivência e reprodução de um grupo social vocacionado para a defesa, sendo que, já antes de 1182, Coruche tinha uma posição-chave entre as cidades de Évora e de Santarém, que servia os interesses régios.

**Saiba que** o testemunho mais antigo do foral afonsino de Coruche, sobrevivente até hoje, é a confirmação de 1189, de D. Sancho I, tendo sido provavelmente este o exemplar que durante mais tempo pertenceu à vila e aos seus habitantes até ser incluído no *Livro de Registos de D. Afonso II (1218)*.

\* ROLDÃO, Filipa; SERAFIM, Joana - *O Foral de Coruche de 1182. Estudo, edição e tradução*, Coruche, CMC/MMC, 2012

## A RELEVÂNCIA PATRIMONIAL DA MISERICÓRDIA DE CORUCHE\*

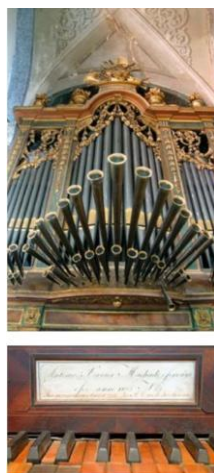
A fundação da Misericórdia de Coruche ocorreu na 2.ª metade do século XVI e, à semelhança de muitas das suas congéneres, resultou da anexação de várias confrarias medievais, concretamente as confrarias de Nossa Senhora da Purificação, São Brás e Nossa Senhora da Conceição.



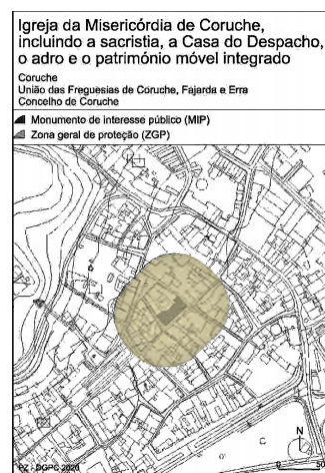
[Foto: MMC/AC] Igreja da Misericórdia de Coruche



[Foto: P.M.]



[Foto: C.S./Fotocine]

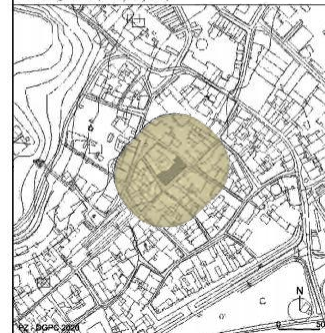


Igreja da Misericórdia de Coruche, incluindo a sacristia, a Casa do Despacho, o adro e o património móvel integrado

Coruche  
União das Freguesias de Coruche, Fajardas e Erva  
Concelho de Coruche

■ Monumento de interesse público (MIP)

■ Zona geral de proteção (ZGP)



2021 - I. B. G. P. C. 2020

D.R., 2.ª Série, 22.03.2020 (adapt.)

Muito embora os primeiros tempos da sua existência permaneçam ainda na sombra, sabe-se que em 1565 a irmandade iniciou a construção da sua igreja própria e que em 1584 esta já estaria edificada. No final do século XVIII a Misericórdia, com grande esforço financeiro, encetou um conjunto muito significativo de obras na sua igreja, construindo a atual frontaria, ao mesmo tempo que edificou o novo edifício do hospital, adossado à mesma.

Também o interior foi alvo de engrandecimentos, de que é exemplo o fabuloso órgão, datado de 1803, e localizado no coro alto da igreja, da autoria do conhecido organeiro português António Xavier Machado e Cerveira, cuja sonoridade conferiu

uma imponência maior às celebrações religiosas. Além disso, a igreja da Misericórdia acolheu durante cerca de 150 anos a condição de igreja matriz da vila de Coruche, período que mediou a ruína iminente da antiga igreja de São João, localizada na outrora Praça do Comércio (hoje Praça da Liberdade) e a construção da atual igreja de São João Batista, inaugurada em 1958.

Por tudo isto, importa realçar as várias ações recentes de salvaguarda e valorização deste importante património móvel e imóvel, asseverado na sua também recente classificação como monumento de interesse público (Portaria n.º 310/2020). \* Ana Correia, doutoranda em História

### Ficha técnica:

**Coordenação e Editorial:** Cristina Calais

**Textos:** Ana Correia, Domingos Francisco [1], João Martins

**Colaboradores:** Clara Cruz - Diretora do Centro Educativis, Filipa Roldão, Joana Serafim, Mário Justino Silva - prof. do Agrupamento de Escolas de Benavente

**Revisão:** Ana Paiva | **Arranjo gráfico:** Cristina Calais

**Fotos:** Armindo Cardoso [A.C], Arquivo MMC, Joana Veríssimo [J.V.], José Cordeiro, Nerve Design [N.D.], Pedro Martins [P.M.], Telmo Ferreira [T.F.]

### Horário:

**Verão** 10h30-13h / 14h30-18h

**Inverno** 9h30-13h / 14h30-17h

Aberto de 3.ª feira a domingo

Encerra às 2.ªs feiras e feriados exceto em 15 e 17 de agosto

### Espaços públicos:

Auditório

Cafetaria/Pátio

Salas de Exposições

Centro de Documentação

Núcleos Museológicos

### Contactos:

Rua Júlio Maria de Sousa

2100-192 Coruche

Tel.: 243 610 820

E-mail: [museu.municipal@cm-coruche.pt](mailto:museu.municipal@cm-coruche.pt)

Página web: [www.museu-coruche.org](http://www.museu-coruche.org)